GEOGRAFIA, CULTURA E EXPERIÊNCIA DE MUNDO

Cícero Bezerra da SILVA[1]

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar reflexões acerca do *Lebenswelt* e de concepções estruturantes que fundamentam múltiplas leituras de Geografia e cultura na mediação da experiência do ser e do estar no mundo. Trata-se de uma análise de cunho teórico-epistemológico justificada pela crescente necessidade de adensamento de leituras e do olhar para a inserção cultural na Geografia, permitindo-nos o constante movimento do (re)aprender a olhar os espaços vividos e as experiências humanas pela dimensão do ser e do estar no mundo. Dada as análises, argumenta-se que a dimensão do vivido na Geografia permite um olhar mais atento ao universo humano no/com o espaço e isso pode estar aportado em distintas correntes de pensamento a exemplo das abordagens crítica e humanista-cultural. O objeto é humano, os modos de significação do espaço e de produção de suas espacialidades como modos de ser e de estar no mundo.

Palavras-chave: *Lebenswelt*. Espaço Vivido. Experiência de Mundo.

[1] Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (PPGEO/UFS). Professor efetivo da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (SEDUC/AL) e da Secretaria de Educação do Município de Rio Largo/AL (SEMED/AL)

GEOGRAPHY, CULTURE AND WORLD EXPERIENCE

ABSTRACT

The objective of the article is to present reflections on Lebenswelt and structuring concepts that support multiple readings of Geography and culture in mediating the experience of being in the world. This is an analysis of a theoretical-epistemological nature justified by the growing need to densify readings and look at cultural insertion in Geography, allowing us the constant movement of (re)learning to look at lived spaces and human experiences from the dimension of being and being in the world. Given the analyses, it is argued that the dimension of what is experienced in Geography allows a closer look at the human universe in/with space and this can be reflected in multiple and distinct schools of thought. The object is human, the ways of meaning space and of producing its spatialities as ways of being in the world.

Keywords: Lebenswelt. Living Space. World Experience.

1 INTRODUÇÃO

O alvorecer da segunda metade do século XX foi marcado por significativas mudanças nos modos de conceber a sociedade e nas relações políticas, econômicas, culturais e ambientais. Os avanços técnicos e científicos ligados à sociedade informacional delegaram a compressão das noções de tempo e espaço intensificando a ideia de lugar-mundo como um contínuo de relações espaciais e espacialidades, observadas na massificação e estratificação dos modos de vida, na homogeneização cultural, produção e consumo de bens duráveis e não duráveis e, por conseguinte, na própria produção da ciência em suas diversas ramificações e acepções.

No campo do conhecimento essas mudanças foram sintomáticas do prelúdio de um movimento epistemológico nas ciências e de modo singular nas Ciências Humanas. A primazia dos métodos quantitativos e lineares já não eram suficientes para a compreensão dos problemas da realidade em curso, principalmente pelo fato de estes estarem associados a universalidade das leis e das coisas percebidas e aplicadas a partir de regramentos e estruturas gerais. A nova realidade do mundo pós-guerra, as incertezas científicas e os modos de ver natureza e sociedade já não se concebiam pela linearidade dos fatos e percepção de um espaço cartesianamente delimitado e previsível.

Destarte, o escopo desse artigo está assentado na apresentação de reflexões acerca do *Lebenswelt* e de concepções estruturantes que fundamentam múltiplas leituras de Geografia e cultura na mediação da experiência do ser e do estar no mundo. Para tanto, a concepção de *Lebenswelt*, em sua atual configuração, assenta-se na filosofia hursserliana, tradicionalmente lido por mundo da vida ou mundo vivido, evocando a dimensão da experiência humana no espaço.

Dada as considerações apresentadas, busca-se o desenvolvimento de uma análise de cunho teórico-epistemológico justificada pela crescente necessidade de adensamento de leituras e do olhar para a inserção cultural na Geografia, permitindo-nos o constante movimento do (re)aprender a olhar os espaços vividos e as experiências humanas pela dimensão do ser e do estar no mundo. Para atender o objetivo proposto, o texto está sistematizado em cinco partes para além desta introdução e das considerações finais, quais sejam: i. Da busca pelo "universal" ao encontro do "humano" e das Ciências Sociais; ii. Inserção da Cultura Enquanto Movimento do Fazer Científico e Social; iii. Lebenswelt e concepções estruturantes; iv. Múltiplas Abordagens e v. Geografia, cultura e experiência de mundo, que se seguem.

2 DO "UNIVERSAL" AO ENCONTRO DO "HUMANO" E DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

A efervescência política, econômica e cultural do século XX, como lembra Harvey (1992), caracterizou-se por intenso dinamismo espaço-temporal e as ciências, em sua amplitude, associa-se a técnica em um ambiente de incertezas científicas e sociais. Para Gomes e Vitte (2017, p. 08), nas ciências "as incertezas foram sendo reconhecidas como inerentes aos processos da natureza e à forma de conhecê-la, buscando-se, atualmente, pensá-las e incorporá-las às teorias e modelos".

No campo científico a efervescência estava associada às rupturas com a ciência clássica que, conforme adverte Camargo (2005, p. 61), estava fundamentada no "paradigma cartesiano-newtoniano", aportado sob leis e sistemas universais. Também, Gomes e Vitte (2017) mais uma vez corroboram com a indicação de que: "o projeto de conhecimento moderno pautou-se na busca de universais, objetivando entendimentos que representassem a universalidade, como são as regras, leis gerais que são válidas e aplicáveis a tudo e todos a qualquer tempo e espaço" (Gomes e Vitte, 2017, p. 02).

No caso da Geografia, em específico, a segunda metade do século XX foi bastante significativa quanto a adoção de novas posturas frente a então configuração herdada do modelo moderno do fazer científico e das estruturas epistemológicas até então adotadas. Nesta ciência o momento foi significado principalmente pelo contexto da adoção do pragmatismo e de um conhecimento direcionado, em parte, aos interesses do Estado. Daí, também ser chamada de Geografia Quantitativa ou Pragmática (Santos, 1996a; 1996b; Gomes, 1996; Silveira e Vitte, 2011; Gomes e Vitte, 2017).

É oportuna a consideração de que não se tem a pretensão da construção cronológica do desenvolvimento da Geografia e da sua institucionalização como ciência. Cabe-nos, para tanto, traçar apontamentos em cujo escopo esteja associado aos fundamentos desta ciência frente ao contexto de movimentos contemporâneos e que, de alguma maneira, possa influenciar ou caracterizar as implicações teóricas aqui referidas.

O pós-1970 foi marcado pela inserção, nas ciências sociais e na Geografia, de novos modos de conceber o conhecimento. As correntes do pensamento crítico e humanista tomam maior destaque ao recusar, entre outros fatores, o modelo de ciência e de conhecimento outrora concebido e arrimado nos fundamentos do positivismo lógico (Gomes, 1996), herança clássica da ciência moderna.

A pujança e fertilidade das correntes crítica e humanista se desdobraram em diversas ramificações, definidas e redefinidas por fundamentações teóricas alicerçadas em distintas origens, mas, sobretudo, daquelas oriundas do marxismo e da crítica radical e, também, dos fundamentos e horizontes do humanismo e da fenomenologia (Gomes, 1996). O avanço da técnica sobre o espaço tratado por Santos (1996), a compressão e dinamismo espaço-temporal (Harvey, 1992) e a revivescência do conceito de cultura (Almeida, 1993; Gomes, 1996a; 1996b; Claval, 1999; 2010) representam, em parte, o contexto aos quais essas abordagens estavam inseridas e por consequência se ramificaram.

Suplantada a barreira do pragmatismo, ao menos em certa medida, uma das marcas do "novo" cenário é a revalorização das concepções de cultura. Seguindo do mesmo lado da teoria crítica (diferentes fundamentos epistêmicos e metodológicos), a abordagem da cultura busca se estabelecer pelas relações do homem com o ambiente dando ênfase as experiências vividas. É, de fato, um novo momento, pois refuta-se em ambas as correntes de abordagem - corrente crítica e humanista - o pragmatismo conservador (Claval, 2013), e reaviva criticamente na cultura e para além dela as questões morais e sociais.

Esse reavivamento, tomado sob o signo de diversas interpretações, e nomeado de acordo com a abordagem de cada qual, trouxe para as ciências sociais e para a Geografia uma releitura dos fatos culturais e da cultura, sem desprezar as raízes que o antecederam. A obra L'Homme et la Terre: nature de lá réalité Géographique, de Eric Dardel (2015) publicada em 1952 é o mais significativo exemplo dessa fundamentação contemporânea. Almeida (1993), fundamentada na escola francesa, se atém ao fato de que a preocupação se centra em [...] "uma análise mais humana e mais rica do indivíduo e da sociedade [...]. Toda divisão rígida entre o mundo objetivo (exterior) e o mundo subjetivo (interior) é rejeitada" (Almeida, 1993, p. 41).

A separação entre sujeito e objeto, o dualismo do mundo objetivo e subjetivo, entre tantas outras concepções fragmentárias passaram a ser contestadas e essa contestação foi, também, uma contribuição do reavivamento das acepções de cultura na ciência. O centro é o homem com suas experiências de mundo e com os signos que caracterizam e atribuem sentido ao espaço. A cultura não está apática à dimensão econômica e social, ela é o amálgama que unifica estas dimensões e insere o homem e a técnica, que é processual, no centro da sociedade e da produção, configuração e reconfiguração do espaço. Suplanta-se, portanto, o pensamento que concebe a cultura como uma coisa em si e das leituras que tendiam a não consideração de tempo e espaço.

Não há uma cultura ou sociedade a-histórica ou a-espacial, pois tudo acontece em um tempo e um espaço que se definem pela técnica. A própria concepção de vida, em si mesma, evoca a ideia de processualidade. E, tomada ou não pela ciência, a cultura é igualmente definida em um tempo e um espaço circunscrito a uma determinada realidade social e de grupo, transmitindo-a a cada geração no decurso do tempo e sobre a qual pode recair perdas, ressignificações ou mesmo a garantia de manutenção segundo suas raízes.

3 INSERÇÃO DA CULTURA ENQUANTO MOVIMENTO DO FAZER CIENTÍFICO E SOCIAL

Quanto a construção da ideia de cultura nas ciências sociais e, por extensão, na Geografia, Gomes (1996) esclarece que "Sem dúvida, a ideia de cultura e sua valorização estão nas raízes das ciências sociais" e, conclui:

> O que pode conduzir à compreensão dos fatos culturais é justamente a possibilidade de mergulharmos neste mundo de significações, de participarmos de sua dinâmica. Esta condição é aliás insuperável, uma vez que não conseguimos tratar de cultura como coisa completamente exterior a nós (Gomes, 1996, p. 02).

Por não ser algo exterior ao homem, o próprio sentido de cultura evoca a dimensão humana do ser e os sentidos que configuram um mundo produzido, vivido, sentido e percebido em todas as suas dimensões sem, para tanto, ser fragmentado. É por esse motivo que a Geografia fundamentada nas abordagens da cultura - a Geografia Cultural - nos anos que sucedem a década de 1970, dedica-se a "entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender as significações que estes impõem ao meio ambiente, e os sentidos dado às suas vidas" (Claval, 2013, p. 93).

O aporte teórico e metodológico, seguindo as mais recentes tendências, também acompanhou a mudança. A paisagem tida como categoria-chave, principalmente nas leituras da escola saueriana (Sauer, 2012a; 2012b), - Escola de Berkeley - com o enfoque nas morfologias da paisagem, embora ainda influente, abre caminhos para a inserção de leituras pouco abordadas ou mesmo difundidas. A inserção do debate a partir do território, o enfoque ao lugar e ao corpo são algumas das abordagens mais recentemente adotadas e sobre as quais tantas outras são derivantes

ou associadas.

Há, portanto, uma evidente renovação do debate. Essa renovação parte das abordagens dadas às categorias pelas bases epistemológicas emergentes inclusive com a incorporação de pautas sociais contemporâneas.

A renovação do debate, todavia, não reivindica a definição de uma única abordagem, categoria ou tendência metodológica, e talvez seja essa a força que define as mais recentes pautas e tendências. Ainda assim, é necessário considerar que estas tendências não se fazem de modo aleatório, e pode-se perceber a proximidade ou familiaridade dessas leituras com as abordagens ligadas ou associadas ao humanismo, estruturalismo, pós-estruturalismo ou mesmo o neomarxismo (Claval, 1999; 2013; Corrêa, 2009; Sarmento, 2009).

Independente do período e das abordagens nas quais possam situar a análise, percebe-se a permanência e manutenção do vivido como elemento fundante às estruturas teórico-metodológicas. As noções de mundo vivido e espaço vivido permeiam todo o fundamento das considerações já delineadas e, para tal, se articula ao movimento das coisas como o elo que aproxima os horizontes duais - as dualidades - na convergência da consideração de um vivido que é sociocultural na própria essência, e sobre o qual buscamos assentar nosso campo analítico.

O mundo e/ou espaço vivido, independente da adoção epistemológica e da escola de conhecimento, é representado por um mundo de significados e sua compreensão só se torna possível mediante a consideração dos fatos culturais que os constituem. Estes fatos culturais, portanto, são representativos de uma dimensão do saber que está para além dos horizontes explicativos das determinações biológicas e naturais.

A pesquisa em sociedade e cultura aporta-se na complexidade de análises que integram os horizontes duais pela compreensão de que a cultura integra todo o universo social. Isso posto, todo universo de símbolos, significações e técnicas está associado ou deriva de uma base material ou espaço de referência.

Para além do campo das divergências, é cada vez mais notória a necessidade de análises que possam aprofundar a interlocução entre o vivido espacial e as relações socioculturais que configuram determinadas realidades. As noções de lugar e território se imbricam ao vivido de modo que as significações simbólicas, biológicas, econômicas e sociais passam a coexistir e mediar a relação entre os homens, o vivido e a cultura que deles emana.

Conforme Haesbaert, “o território envolve sempre, e ao mesmo tempo, uma dimensão

simbólica, cultural, através de uma identidade territorial [...] e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar" (Haesbaert, 1997, p. 38). Também Medeiros, seguindo o mesmo alinhamento teórico, considera que "o território é, de início, um espaço cultural e de identificação ou de pertencimento e a sua apropriação só acontece em um segundo momento" (Medeiros, 2009, p. 217). Os autores, assim, respaldam a natureza do território quanto a sua significação identitária pelos diferentes níveis de apropriação. Almeida (2005), sobre o debate em tela, avaliza que "o território ele o é para aqueles que possuem uma identidade territorial com ele, o resultado de uma apropriação simbólico-expressiva do espaço, sendo portador de significados e de relações simbólicas" (Almeida, 2005, p. 109).

A problematização e discussões sobre o vivido incorporou, já nos últimos anos do século passado, as noções de território. Essa incorporação fundamenta o debate que aproxima lugar e território em um mesmo espaço. "Território é, pois, um novo paradigma que responde a certo número de funções geográficas, sociais e políticas, que se inscrevem no universo da memória, das representações e dos valores" (Medeiros, 2009, p. 217). Se inscreve, portanto, dentro do universo do espaço vivido.

O território como categoria analítica incorpora o espaço vivido como chão cotidiano e objeto de análise. É fato que o que fundamenta o vivido é a cultura e as relações espaciais e fenomênicas, mas não apenas. A problemática do território, os insights e outsides associados a alteridade e demais questões socioculturais tornam-se objetos de estudo.

A inserção da técnica perpassa pela abordagem da cultura e está amalgamada às estruturas do espaço vivido. A técnica não é uma dimensão fragmentária da cultura, ela representa os meios e os mecanismos da reprodução sociocultural e territorial e das permanências presentificadas no cotidiano de acordo com os tempos de cada sociedade e de cada grupo.

4 *LEBENSWELT* E CONCEPÇÕES ESTRUTURANTES

A amplitude interpretativa do conceito de "vivido" indica a necessidade de um balizamento teórico que o fundamente no contexto das análises aqui propostas. Tal feito objetiva apresentar a evolução do conceito em voga, abordando as bases filosóficas que o fundamentam

bem como as derivações de interpretação mais recentes, recorrendo, para tanto, a abordagens clássicas e contemporâneas.

A noção de mundo vivido embora tenha tomado maior visibilidade após a década de 1970, não é recente. O princípio norteador da atual configuração do conceito remonta a filosofia hursserliana com a noção de *lebenswelt* - tradicionalmente lido e traduzido por mundo da vida ou mundo vivido é, fundamentalmente, um dos conceitos-chave da filosofia de abordagem fenomenológica e, por extensão, das leituras humanistas e culturais. Gestado no pensamento do filósofo alemão Edmund Husserl, esse conceito traduz, segundo Missaggia (2018), as experiências e as vivências imbricadas a determinados grupos e sujeitos, "diz respeito a vida partilhada com outros sujeitos, no qual todos atuam como pertencentes a um mundo comum" (Missaggia, 2018, p. 193).

A construção do mundo da vida, segundo os fundamentos hursserlianos, está ancorada nas próprias concepções gestacionais da fenomenologia e das manifestações da consciência humana. É um convite de "retorno às coisas mesmas" (Husserl, 2012; Merleau-Ponty, 1996) e de um afastar-se da coisificação das ciências positivas e da técnica. Não se trata de negar a existência de objetos ou da própria técnica - algo improvável de acontecer -, mas de retornar às bases de sustentação das relações primeiras, das experiências pré-científicas, da consciência e do ser em si.

O mundo da vida, então, seria tudo aquilo que antecede a objetivação do conhecimento e das experiências, como já evidenciado, um retorno às coisas mesmas – experiências pré-científicas – um primitivismo do homem com a natureza, como elucidado por Missaggia na obra de Husserl (2018, apud, Husserl, p. 374-375), ao demonstrar que "o mundo da vida é o mundo natural – na atitude da vida natural, somos sujeitos vivos atuantes junto a outros sujeitos atuantes em um círculo aberto".

É na obra Die Krisis der Europäischen Wissenschaften und die Transzendentale Phänomenologie (A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental) que Husserl trata de maneira mais aprofundada o *lebenswelt*. Considerada por muitos autores como sendo uma etapa inconclusa e tardia do pensamento filosófico hursserliano (Letenski, 2010; Azevedo, 2011; Souza Filho, 2017), a obra retrata a matematização da natureza e a consequente perda de significados das ciências modernas para a humanidade e, mais precisamente, para a sociedade europeia. Em Husserl, o distanciamento do lebenswelt resultaria na Krisis, o distanciamento da ciência para com o próprio mundo da vida.

A ruptura estaria no fato de as ciências modernas não considerarem as experiências pré-científicas, não levarem em consideração a ocorrência de um mundo da vida que antecede a existência de um saber científico e as normatizações teóricas. O rigor e a técnica conduzem ao afastamento entre as ciências modernas e o mundo da vida, fato que favorece, em última instância, o desordenamento do conhecimento e a produção de um saber fora dos horizontes da realidade e do viver.

Sendo o mundo da vida um círculo aberto, segundo as próprias proposições husserlianas, este não tem por desígnio a proposta de uma oposição ou de negação à técnica e ao saber moderno. Pelo contrário, o círculo do mundo da vida se propõe à interação entre sujeitos e esferas diversas, mesmo aquelas distintas do conhecimento pré-científico. Todavia, cabe a consideração de que a oposição é dada pela própria ciência quando, em sua estruturação positiva, passa a não considerar a esfera vivida e das experiências humanas como fundamento da estruturação do saber.

Antes de ser uma oposição ao universo da ciência moderna, o mundo da vida é apresentado como oposição ao que era oferecido como a única forma de se conceber o conhecimento. Para Husserl "tudo o que surgiu pelo homem (individualmente e em comunidade) é também uma parte do mundo da vida: assim o contraste anula-se" (Husserl, 2012, p. 385). Isso posto, é possível corroborar que a ciência é uma extensão do conhecimento do mudo da vida (Figura 1), e o contraste entre o primeiro e o segundo conhecimento canaliza um desordenamento do saber. Essa desordem seria sintomática da Krisis, ou seja, da própria crise das ciências e da sociedade.

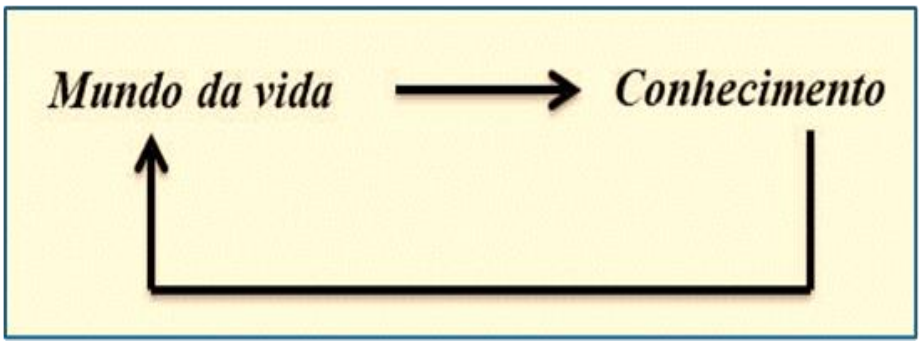

Figura 1: O Conhecimento como Extensão do Mundo da Vida
Fonte: Elaboração do autor, 2024.

Há, portanto, uma sociabilidade universal entre o mundo da vida e a ciência, pois "toda a ciência pressupõe o mundo da vida" (Husserl, 2012, p. 385). O compartilhamento de experiências,

de sentimentos, ritos, manifestações, trocas afetivas simbólicas e materiais, tudo isso materializa a sociabilidade entre os homens e suas respectivas percepções, sem que os tornem seres viventes de mundos dispares ou antagônicos. Essa sociabilidade coletiva é responsável, segundo Souza Filho (2017, p. 108), por possibilitar o contato entre mundos, entre indivíduos. E acrescenta: "estabelece-se uma conexão entre a diversidade de modos de vida dos indivíduos pelas referências culturais e predicativas que o mundo da vida subsidia".

Além disso, o conceito do mundo da vida assumiu a esfera política da sociedade ao tratar das ciências modernas e dos problemas contemporâneos à sociedade europeia com o surgimento da Krisis, a própria crise que dali era recorrente entre as últimas décadas do século XIX e primeira metade do século XX. O escopo da preocupação foi a influência que o processo de tecnificação da cultura desempenhava sobre as relações existenciais e sobre o próprio lebenswelt.

Esse desdobramento do pensamento de Husserl possibilitou, mais tarde, a ramificação de novas leituras do lebenswelt e favoreceu a abertura de um círculo entre técnica, cultura e sociedade amalgamados ao universo existencial. Essas abordagens serviram de base para o estreitamento das interpretações do mundo da vida em esferas outras, para além da obra husserliana e da própria fenomenologia.

Decerto, o tratamento da conceituação de mundo da vida no contexto da Krisis em Husserl é, fundamentalmente, segundo Letenski (2010); Azevedo (2011); Guimarães (2012) e Souza Filho (2017), entre outros, uma crítica a consequente coisificação da natureza. Representa, ainda, "uma renovação crítica no programa teórico-metodológico da Fenomenologia, para além das metodologias das reduções como via de construção de um pensamento transcendental" (Souza Filho, 2017, p. 107).

Congruentemente com o pensamento husserliano, e em referência ao mundo da vida, o francês e filósofo Maurice Merleau-Ponty (1996, p. 20) chama atenção a evidência de que "todos os conhecimentos se apoiam em um 'solo' de postulados e, finalmente, em nossa comunicação com o mundo como primeiro estabelecimento da racionalidade". O "solo" de postulados retratado em Fenomenologia da Percepção, tese de Merleau-Ponty, é a premissa do mundo da vida, condição objetiva do conhecimento.

Merleau-Ponty, com o aprofundamento e a releitura da obra de Husserl argumenta que "todo universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente o seu sentido e o seu alcance, precisamos primeiramente

despertar para essa experiência de mundo" (Merleau-Ponty, 1996, p. 19). Um mundo que é experienciável e sentido em todas as suas dimensões, base de todo o saber e ponto de encontro entre a ciência e o empírico. Essa argumentação também é a base da crítica estabelecida por Nogueira ao demostrar que "antes da ciência tem um homem, e que é este quem sempre deu elementos para ela" (Nogueira, 2005, p. 10244).

O mundo da vida é o ponto maior de convergência entre a racionalidade científica e aquela que advém das experiências humanas a qual o solo é apresentado como postulado. Para Merleau-Ponty, assim como em Husserl, todo o conhecimento parte do mundo da vida e das experiências de quem o habita. De fato, a experiência aparece muito mais fortemente retratada na obra do primeiro do que do segundo, tal qual a percepção que nomina a própria obra de Merleau-Ponty.

O mundo da vida, como ponto de encontro e espaço de convergência, unifica os extremos e reafirma similitudes. É o projeto que "une o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção de mundo ou de racionalidade" (Merleau-Ponty, 1996, p. 18). Assim como em Husserl, conforme já abordado, não há o prenúncio de idealização divergentes entre horizontes simbólicos e materiais, entre ciência moderna e experiências vividas, há um ponto de partida, um fundamento que é representado pelas experiências primeiras e pelo que é experienciável e vivido.

Pode-se, para tanto, considerar que o tratar do mundo da vida realizado por Merleau-Ponty recebeu novos elementos em sua fundamentação filosófica. O mundo da vida é, também, chamado de "o mundo percebido" e "espaço vivido" em função da centralidade que este autor atribui à percepção e a experiência.

A percepção e a experiência ocupam centralidade no problema do mundo da vida e, consequentemente, no próprio conceito do vivido como derivante dessas acepções. No contexto das produções geográficas, principalmente da sino-americana, percepção e experiência passaram a ser tomadas como conceitos basilares, especialmente em Yi-Fu Tuan após a segunda metade do século XX. No caso brasileiro, as traduções dos trabalhos de Yi-Fu Tuan feitas por Lívia de Oliveria e a tese de doutoramento de Welter Holzer defendida em 1998, apenas para exemplificar, também podem ser considerados representantes e disseminadores dessa linhagem de pensamento.

5 MÚLTIPLAS ABORDAGENS

A multiplicidade de leituras e interpretações sobre as significações do que é o mundo da vida ou mundo vivido e, com estas, o próprio vivido, extrapola os limites do pensamento filosófico de Husserl e Merleau-Ponty. A Sociologia fenomenológica ou, de outro modo, a fenomenologia do mundo social de Alfred Schutz (1979) é um exemplo da suplantação dos limites mencionados. Ao dar especial atenção às relações sociais, o autor centrou o conceito de mundo da vida como possibilidade de construção de uma teoria da ação social em um mundo da vida que é cotidiano (Schutz, 1979).

Ao negar a concepção do mundo social sob a perspectiva naturalista, ou seja, como um dado em si, Schutz (1979, p. 72) chama a atenção ao fato de que "o mundo da vida cotidiano significa o mundo intersubjetivo que existe muito antes do nosso nascimento, [é um mundo, inserção minha] vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores com um mundo organizado". E acrescenta: "Toda interpretação desse mundo [o mundo da vida e social, inserção minha] se baseia num estoque de experiências anteriores, as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas, as quais funcionam com códigos de referências" (Schutz, 1979, 72).

Há, portanto, uma valorização das experiências como referência à constituição do mundo da vida, inclusive de experiências que antecedem a própria realidade vivenciada em si. Dialogicamente com a concepção husserliana, a abordagem apresentada por Schutz nega, também, os pressupostos da ciência moderna que tendem ao afastamento do cotidiano e das experiências. O diferencial está na inserção da ação social como fundamento à constituição do mundo da vida, além da própria inserção do cotidiano, antes não observado ou pelo menos não descrito em Husserl.

Da Escola de Frankfurt e representante da teoria crítica, o também filósofo e sociólogo Jürgen Habermas se dedicou ao conceito de mundo da vida, tradicionalmente lido e tendo por referência as abordagens fenomenológicas e das experiências cotidianas. A consideração de um representante da teoria crítica não requer, necessariamente, a intenção de estabelecer relações teóricas, metodológicas ou mesmo uma linha do tempo entre uma e outra abordagem. A importância dessa consideração fundamenta o círculo aberto que é o vivido e o mundo da vida, além disso, para Souza Filho (2017), Habermas se propõe a um resgate das próprias concepções husserlianas, propondo conjecturas para além do que já fora descrito por aquele filósofo de base fenomenológica.

Aproximando-se das abordagens já descritas, os baldrames de sustentação do mundo da vida no pensamento habermasiano, se atém aos saberes chamados de pré-teóricos ou pré-científicos. Para tanto, em sua obra é atribuída maior significância ao papel da linguagem como estruturante da comunicação e interação entre indivíduos e nas relações humanas com o mundo. Souza Filho (2017, p. 82) evidencia que Habermas "repetidas vezes apresenta o Mundo da Vida como 'pano de fundo' sobre o qual os indivíduos interagem para com os seus pares". O mundo da vida, assim como descrito, representa em sua formulação a concepção da sociabilidade humana, espaço de trocas e de interação intersubjetivas e culturais.

É nesta relação dialógica que Gomes (1996) considera a existência de um princípio de complementaridade entre as abordagens materialistas e humanistas ao considerar, em ambas as abordagens, os valores correspondentes ao antropocentrismo da vida social e a relação das existências nas interpretações científicas:

> Por este aspecto, o materialismo histórico e o humanismo moderno partem de uma mesma crítica, a recusa da ciência positivista, e podem sob algum aspecto, ser considerados como perspectivas complementares. O materialismo histórico redescobriu a flexibilidade de toda a ação social e, por conseguinte, a importância de uma análise que leve em conta o valor e o antropocentrismo da vida social. Ao mesmo tempo, o humanismo se desembaraçou do idealismo e do subjetivismo, que caracterizaram as primeiras análises, e recolocou a importância da existência material no centro das interpretações (Gomes, 1996, p. 301).

O mundo da vida, segundo estes desdobramentos, inclusive pelo pensamento de Habermas, mas, também, de Lefebvre (1991), passa a ser considerado pelas interpretações das contradições da vida cotidiana e dos conflitos que dela insurgem, principalmente sob a forma de conflitos culturais.

Na Geografia, há um consenso, um ponto de encontro que converge para um objeto que nos é comum e esse ponto de encontro não elimina as diferenças, mas estreita as similaridades. Assim enfatiza Gomes (1996):

> Mas, o que é mais importante para a geografia, o espaço, é considerado ao mesmo tempo como o resultado concreto de um processo histórico, e neste sentido ele possui uma dimensão real e física, ou como uma construção simbólica que associa sentidos e ideais. Entre estas duas posições extremas, encontra-se toda uma gama de concepções que evoluem com os pressupostos iniciais de cada inspiração, o espaço sendo visto sob diferentes ângulos: dos valores, da alienação, da distância existencial, do comportamento e do mundo vivido (Gomes, 1996, p. 307).

Pelas similaridades ou diferenças, o ponto de encontro é o espaço e sobre o qual está assentado todos os pressupostos da realidade geográfica, inclusive a do mundo vivido.

Na Geografia, particularmente, a inserção das discussões sobre o vivido não foi canalizada pela noção de mundo, conforme debatido na tradição filosófica. O espaço - o espaço vivido - constitui o fundamento dessa inserção. Muito embora assim tenha sido, e muitos autores possam defender que essa inserção não possui associação direta com a tradição filosófica, consideramos que ela resgata elementos fundamentais à atual concepção das noções de vivido e, por extensão, de espaço vivido.

A categoria espaço vivido, apresentado pioneiramente por Armand Frémont (1980), remete ao espaço que se opõe ao espaço da alienação, ou seja, um espaço esvaziado de valores e de sentidos, um espaço estratificado. O espaço vivido é o espaço da vida; o espaço da alienação é o espaço do vazio, do estranho, é o espaço das reduções do ser e de suas existências. Frémont (1980, p. 156), aproxima o espaço vivido da noção de "região enraizada", ao propor uma diferenciação entre os espaços de enraizamento no qual há um sentimento de proximidade e o "espaço funcional".

A abordagem do espaço vivido por Frémont (1980) assenta-se nas bases de uma região na qual o pertencimento e as identidades a fundamentam. Assim, "Frémont pretende renovar e revalorizar o estudo das regiões sob o ângulo do espaço vivido, isto é, tomando o espaço como uma dimensão da experiência humana dos lugares" (Gomes, 1996, p. 317).

Ao versar sobre a inserção do conceito de espaço vivido na Geografia, Gomes (1996) esclarece que:

> A ciência geográfica, definida pelo viés do espaço vivido, não tenta criar leis, nem observar regularidades generalizadoras. Seu ponto de partida é, ao contrário, a singularidade e a individualidade dos espaços estudados. Ela também não procura avançar resultados prospectivos e normativos, como as ciências ditas racionalistas. Seu objetivo principal é oferecer um quadro interpretativo às realidades vividas espacialmente (Gomes, 1996, p. 320).

De maneira análoga ao tratado do mundo vivido, a categoria de análise espaço vivido está fundamentada nas realidades vividas e experienciadas as quais, de igual modo, são conformadoras de espacialidades vinculadas às bases do viver e das normatizações espaciais, a saber, as definições dos espaços funcionais. Há, ainda, as similaridades quanto ao afastamento de um modo de ver que possa conceber o espaço apenas por racionalidades generalizadoras.

A individualidade do espaço vivido diferencia-se do sentido de unicidade ou exclusividade, está associada muito mais às singularidades que caracterizam determinadas espacialidades. Não é o diferente, mas é o que diferencia e que atribui sentido às vivências e às espacialidades.

Em vista disso o vivido se presentifica nas espacialidades em que as vivências e as experiências de vida se realizam, é o espaço que respalda a reprodução social e, ainda mais, a reprodução cultural de indivíduos ou grupos específicos. Nestes mesmos espaços encontram-se arraigados os vínculos identitários e territoriais e um forte sentimento de pertença que delineia as experiências de ser e estar no mundo pela mediação dos espaços vividos

6 GEOGRAFIA, CULTURA E EXPERIÊNCIA DE MUNDO

Os vínculos com o lugar e com o território são manifestações culturais decorrentes da apropriação de parcelas do espaço. Apropriado e significado, o espaço torna-se familiar e aos poucos, em seu entorno, são criadas representações simbólicas que o codificam e o diferencia de todo o contínuo espacial. O sentimento de proximidade abordado por Frémont (1980) desempenha papel importante, pois é por essa intermediação que laços e vínculos territoriais são formados e fortalecidos dando forma ao espaço vivido.

O espaço vivido é uma dimensão do real e não apenas uma representação ou abstração. Ainda assim, a intangibilidade é um dos elementos mais marcantes e as representações simbólicas traduzem a própria essência do vivido. Ocupar um espaço e o significar implica a produção de representações sobre este e sobre as estruturas socioculturais que o concebe.

A esse respeito, Serpa (2019, p. 86) argumenta que “uma geografia dos espaços vividos é também uma geografia das representações sociais e espaciais”. Nestas representações estão expressas estratégias de reprodução, modos de significação espacial e de produção de conhecimento. As representações, assim, podem ser tomadas como resultado da matriz que estrutura a percepção do indivíduo sobre seu espaço e sobre ele próprio enquanto elemento-sujeito da configuração espacial.

As representações do espaço vivido são imbricadas ao contexto da historicidade dos indivíduos ou grupo social. Carregam em si as estruturas de heranças, modos de ser, organização e significações resultantes das experiências com o meio ambiente e social. Assim sendo, as mesmas

representações podem resultar de processos históricos e de mudanças e permanências salvaguardadas nas memórias e nos símbolos que definem o próprio espaço.

Ao considerar a produção social do espaço - e sua reprodução - Lefebvre (2006), quando influenciado pelas relações e vicissitudes do cotidiano conduziu a interpretação do espaço pela dialética tríade vivido-percebido-concebido. Essas categorias, na citada teoria, são indissociáveis e regem o espaço (e o tempo) como inacabado, estando em constate movimento. Dessa feita, a contínua produção do espaço ocorre segundo o princípio da indissociabilidade, ou seja, os espaços referidos por Lefebvre não existem isolados, não podem ser observados como independentes. De outro modo, a existência de um espaço incorre na coexistência dos demais, mesmo que haja maior destaque, interesse ou busca por um ou outro.

A categoria espaço vivido em Lefebvre é essencializada pela complexa coexistência de um espaço que é, em maior ou menor grau, percebido e concebido dialeticamente. O espaço vivido é aquele das representações, está ligado aos lugares de vida, das práticas cotidianas, dos sentimentos. É o espaço que conforma os lugares de usos apropriados segundo as convicções historicamente estabelecidas. É "o espaço vivido através das imagens e símbolos que o acompanham, portanto, espaço dos "habitantes", dos usuários" [...] (Lefebvre, 2006, p. 66).

O espaço percebido é, mais ainda que o vivido, aquele espaço referente a escala perceptiva do indivíduo ou de seu grupo envolvente. Manifesta-se por e a partir da percepção. A percepção e, por extensão, o espaço percebido, é chamada de prática espacial: "a prática espacial de uma sociedade secreta seu espaço; ela o põe e o supõe, numa interação dialética: ela o produz lenta e seguramente, dominando-o e dele se apropriando. Para a análise, a prática espacial de uma sociedade se descobre decifrando seu espaço" (Lefebvre, 2006, p. 65). A prática espacial pressupõe uma espacialidade de atuação vivida, sentida e percebida segundo as conjugações espaciais e especificidades de cada indivíduo ou grupo social estabelecido.

O espaço concebido é também chamado de "representações do espaço [...], aquele dos cientistas, dos planificadores, dos urbanistas, dos tecnocratas 'retalhadores'' e 'agenciadores' [...]. É o espaço dominante numa sociedade (um modo de produção)" (Lefebvre, 2006, p. 66).

Esse quadro interpretativo que a leitura do espaço vivido oferece à Geografia – e demais ramos do conhecimento - é a oportunidade que suplanta os limites das descrições do lugar e dos modos de vida, apenas. Essa interpretação associa a descrição à interpretação compreensiva das realidades vividas e experienciadas segundo o princípio das coexistências espaciais.

Fundamentado nas bases do lugar e do território, a espacialidade do vivido não está isenta das tensões circunscritas ao contexto do espaço funcional e da alienação descrito por Frémont (1980). Essas mesmas tensões tendem a fragmentar e fragilizar o vivido pela consideração de um espaço regido pela regularidade dos fenômenos e da generalização de uma apropriação funcional e estratégica.

Mediante esse contexto de tensionamento, as tramas do espaço vivido são postas como modos de permanências socioculturais que se dimensionam pela apropriação do vivido e pela apropriação e produção estratégica do espaço - que é concebido -, se fazendo visível na paisagem. Essas são, portanto, categorias indissociáveis ao domínio explicativo da dimensão do espaço vivido e das relações do cotidiano.

O vivido espacial com suas formas geográficas está fundamentado no espaço, mas, ainda mais, nas paisagens que são vividas e sentidas e seu significado está oculto no próprio cotidiano, ou seja, nas vivências. "É no cotidiano que são construídas e reforçadas as relações entre sociedade e o meio, entre técnica e natureza e, os significados e representações que possam mediar o entendimento dos sujeitos envolvidos" (Gamalho; Heidrich, 2018, p. 04).

Para Haesbaert (2009, p. 108), "os conceitos são moldados através de problemáticas sociais geo-historicamente contextualizadas". Ao contextualizar mundo e espaço pelo universo do vivido, resgatam-se de igual modo os princípios filosóficos da natureza do conceito - e categoria - pela própria natureza ontológica destes. O vivido e sua inserção na Geografia herda estes fundamentos os quais não se dissociam do contexto da valorização das subjetividades e das experiências vividas do indivíduo e dos seus lugares que, por extensão, é o próprio mundo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No escrito, o objetivo foi o de desenvolver algumas reflexões acerca do Lebenswelt e de concepções estruturantes que fundamentam múltiplas leituras de Geografia e cultura pela mediação das experiências considerando a dimensão do ser e do estar no mundo. Para isso, foi proposta uma tecitura dialógica de abordagens tomando por referência a dimensão das experiencias no/com o mundo e a valoração da cultura nos modos de significação espacial.

A dimensão do mundo - espaço - vivido na Geografia foi apresentada como instrumento categorial balizador de importante inserção nos estudos culturais geográficos – da Geografia Cultural -, e para além dela, inserindo-se no efervescente movimento de mudanças de posturas epistemológicas, política, econômica e cultural do século XX.

O *lebenswelt* foi tomado como concepção estruturante para resgatar a inserção do vivido na Geografia e nas ciências sociais pela inserção da categoria mundo e, por extensão, aproximando-se do espaço, traduzido na Geografia pela dimensão dos espaços vividos, sob evocação das experiências humanas. Isso posto, pelo universo-mundo-dimensão das experiências regata-se as noções de cultura pelo reavivamento das correntes de pensamento crítico e humanista, havendo assim a possibilidade de se adentrar no mundo das significações, do pertencimento e das abordagens conexas ao território, paisagens e lugares aqui e alhures. A cultura, assim sendo, foi posta como elemento balizador da mediação do homem com a natureza, observada como algo inerente ao sujeito humano, ou seja, não é algo externo a nós.

Conclui-se que a consideração do vivido na Geografia permite um olhar mais atento ao universo e horizontes da dimensão humana no/com o espaço e isso pode estar aportado em múltiplas e distintas correntes de pensamento. O objeto é humano, os modos de significação do espaço e de produção de suas espacialidades como modos de ser e de estar no mundo.

8 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Fronteiras, Territórios e Territorialidades. **Revista da ANPEGE**, [s.l.], n. 2, p. 103-114, p.1-12, 2005.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Geografia Cultural e Geógrafos Culturalista: **GEOSUL**, Florianópolis, n. 15, p. 40-52, 1993.

CAMARGO, Luís Henrique Ramos de. **A Ruptura do Meio Ambiente**: conhecendo as mudanças ambientais do planeta através de uma nova percepção da ciência: A Geografia da Complexidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 237 p.

CLAVAL, Paul. A "Virada Cultural" em Geografia. *In*: ALMEIDA, Maria Geralda de; ARRAIS, Tadeu Alencar. (Orgs.). **Geografia é Paul Claval**. Goiânia: FUNAPE, 2013. p.92-10
CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis, Editora da UFSC, 1999. 454 p.

CLAVAL, Paul. **Terra dos Homens**: a geografia. São Paulo: Contexto, 2010. 144 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em:https://www.ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf. Acesso em: 24 de março de 2023.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: a natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015. 159 p.

FRÉMONT, Armand. **La Région, Espace Vecú**. Paris: Flammarion, 1980. 272 p.

GAMALHO, Nola Patrícia; HEIDRICH, Álvaro L. Paisagem híbrida, territorialidades múltiplas e temporalidades diversas: notas para discussão a partir da leitura da paisagem do vale do rio Três Forquilhas (RS).*In*: **Anais do 1º Colóquio Nacional do NEER**, 2006.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 368 p.

GOMES, Rodrigo Dutra; VITTE, Antonio Carlos. As Incertezas Científicas e a Geografia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 51-72, 2017.

GUIMARÃES, Aquiles Côrtes. O Conceito de Mundo da Vida. **Cadernos da EMARF**, Fenomenologia e Direito, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.1-150, 2012.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritrialidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 396 p.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e Identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1997. 296 p.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1992. 352 p.

HOLZER, Werther. Um Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1998.

HUSSERL, Edmund. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica**: de acordo com o texto de Husserliana VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas – Investigações para a Fenomenologia e Teoria do Conhecimento**. Tradução de Pedro Alves. Lisboa: Editora Forense Universitária, 2012. 450 p.

LEFEBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo: editora Ática, 1991. 216 p.

LEFEBVRE, Henri. **A Produção do Espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006. 240 p.

LEFEBVRE, Henri. **La productión de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974. 247 p.

LETENSKI, Irineu. **Edmund Husserl e a Crise das Ciências Europeias**. 2010. 108 f. Dissertação. (Mestrado em Filosofia) Programa de Pós-graduação em Filosofia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. em: https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/24975/Irineu-2010.pdf? . Acesso em 24 de março de 2024.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, Espaço de Identidade. *In*: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Saverino (Orgs.). **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p.2017-228.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2018. 662 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. 4ª ed., 5ª reimp. São Paulo: Perspectiva,2000. 278 p.

MISSAGGIA, Juliana. A Noção Husserliana de Mundo da Vida (lebenswelt): em defesa de sua unidade e coerência. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 41, n. 1, p. 191-208, 2018.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Uma Interpretação Fenomenológica na Geografia. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. **Anais do X Encontro de geógrafos da América Latina.** São Paulo: EGAL, 2005. P. 10243-10262.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996a. 306 p.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996b. 143 p.

SARMENTO, João. David Harvey e a Geografia Cultural. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Geografia Cultural**: uma ontologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 229-252.

SAUER, Carl. A Morfologia da Paisagem. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Geografia Cultural**: uma ontologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012a. p. 181-215.

SAUER, Carl. Desenvolvimento Recente da Geografia Cultural. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Geografia Cultural**: uma ontologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012b. p. 43-83.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zachar Editores, 1979. 360 p.

SERPA, Angelo. **Por Uma Geografia dos Espaços Vividos**: Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVEIRA, Roberison Wittgeinstein Dias da; VITTE, Antônio Carlos. A Emergência de um Novo Saber Geográfico: o retorno da ciência à filosofia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 37-49, 2011.

SOUZA FILHO, José Alves de. **A Metamorfose Humana no Mundo da Vida: reconstruções epistemológicas da perspectiva de identidade na psicologia social crítica**. 2017. 145 f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, 2017.

Data de recebimento: *21 de abril de 2024.*
Data de aceite: *10 de setembro de 2024.*